

O Neurologista e o Diagnóstico das Deficiências

Frente a indivíduos portadores de deficiências, sejam elas múltiplas ou isoladas, freqüentemente teremos que dirigir nossos esforços, antes de qualquer possibilidade de poder propor algum tipo de tratamento, orientação ou de se estabelecer um prognóstico, fazer um cuidadoso diagnóstico. Este diagnóstico deverá contemplar a identificação, a mais acurada possível, das inabilidades presentes e também, quando possível, sua causa.

Para que se consiga estabelecer este diagnóstico, na grande maioria das vezes necessitaremos da colaboração de vários profissionais da área da saúde que se ocupam de aspectos diversos do comportamento humano e, entre estes profissionais, indiscutivelmente deverá estar presente o neurologista.

Com o exame neurológico clínico e mais os dados fornecidos pelo paciente ou por seus responsáveis, ele poderá determinar a integridade ou não dos vários aspectos do funcionamento do sistema nervoso e traçar um perfil bastante útil das dificuldades eventualmente presentes. Quase que sempre este profissional terá que se valer dos chamados exames complementares (exames de sangue, raio-x, tomografia computadorizada, ressonância nuclear magnética, exames cromossômicos, exames metabólicos, eletroencefalograma e outros) na tentativa de esclarecer melhor os problemas presentes e evidenciar, quando possível sua causa primária.

A importância de se identificar o diagnóstico preciso é que somente assim poderá o médico discutir com o paciente e/ou seus responsáveis a exata condição presente, seu possível curso e quais as possibilidades de tratamento disponíveis.

É necessário deixar claro, entretanto, que em neuro-psiquiatria, não é absolutamente incomum que mesmo com a realização de um protocolo bastante completo de exames não se consiga determinar a origem do problema apresentado pelo paciente e nestas condições, com freqüência, a proposição de um tratamento e o estabelecimento de um prognóstico ficarão comprometidos e teremos que nos contentar, na mais das vezes, com um tratamento sintomático, ou seja, visando não a cura dos problemas mas a melhoria dos sinais e sintomas presentes.

Do ponto de vista ideal, os vários profissionais encarregados de atender ao paciente deverão trabalhar de forma integrada e harmônica devendo discutir entre si os dados obtidos por cada um deles visando a compreensão mais completa dos problemas do paciente.

Em boa parte dos casos, o mesmo tipo de trabalho que foi desenvolvido para se chegar a um diagnóstico, deverá ser repetido periodicamente afim de que se possa, a todo momento, tomar conhecimento de eventuais mudanças no quadro clínico afim de promover mudanças correspondentes no tratamento em andamento.

Nos próximos números da revista teremos a oportunidade de discutir de forma mais dirigida, o papel do neurologista na condução de algumas condições neuro-psiquiátricas específicas.

JOSÉ SALOMÃO SCHWARTZMAN

NEUROLOGISTA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

PROFESSOR DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DISTÚRBIOS DO

DESENVOLVIMENTO DA UNIVERSIDADE MACKENZIE